

Anais do II Simpósio Internacional
Dança em Cadeira de Rodas

Campinas, 25 a 29 de novembro de 2002



**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP**

Simpósio Internacional Dança em Cadeira de Rodas; (2.:2002 : Campinas, SP)

Si57a Anais ... / organizadoras: Eliana Lúcia Ferreira, Rute Estanislava Tolocka.-- Campinas: UNICAMP/FEF: CBDCR, 2002.

1. Dança em cadeira de rodas. 2. Inclusão. 3. Dança-Metodologia. 4. Deficientes. 5. Dança-Esporte. 6. Dança-Arte. I. Ferreira, Eliana Lúcia. II. Tolocka, Rute Estanislava. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas. V. Título.

Realização

Universidade Estadual de Campinas

Reitor

Carlos Henrique de Brito Cruz

Diretor da Faculdade de Educação Física

Roberto Paes

Coordenador da Pós Graduação

Ricardo Machado Leite de Barros

Coordenador da Graduação

Paulo César Montagner

Departamento de Estudos da

Atividade Física Adaptada

Edison Duarte

Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas

Presidente

Eliana Lucia Ferreira

Vice presidente

Luciene Rodrigues Fernandes

Secretário Geral

Márcia da Silva Campeão

Primeira Secretária

Anete Otília Cardoso de Santana Cruz

Tesoureiro Geral

Andréa Passarelli Gallão e Melo

Primeiro Tesoureiro

Sebastião Edson Neto

APOIO

SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTES

PÓS-GRADUAÇÃO-FEF/UNICAMP

SOCIEDADE HÍPICA DE CAMPINAS

SESC- CAMPINAS

ESCOLA DE CADETES- CAMPINAS

BANCO DO BRASIL

TOKELEVE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE
FORA**

LABEURB/IEL/UNICAMP

FACULDADE I. EINSTEN DE LIMEIRA

ESESF- JUNDIAÍ

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

Comissão de organização

Coordenação Geral:

Maria Beatriz Rocha Ferreira – FEF/Unicamp

Coordenação Técnica

Eliana Lucia Ferreira – FAEFID/UFJF

Vera Aparecida Madruga Forti – FEF/Unicamp

Comissão Científica:

Elizabeth Mattos – EESFE/USP

M. B. Rocha Ferreira – FEF/Unicamp CNPq/UNICENTRO

Rute Estanislava Tolocka - FIEL/Limeira

Comissão de Apoio:

Carlos Aparecido Zamai

Fernanda Gomes da Silva

Márcia Campeão

Suzete dos Anjos Calvete

Thiago Fuin

Comissão de Divulgação:

Andréa Passarelli

Anete Cruz

Luciene Rodrigues

Márcia Campeão

Márcia Maria C de Souza

Maria Elisa Caputo

Comissão da II Mostra de Dança Artística em Cadeira de Rodas:

Eliana Lucia Ferreira

Graciele Massoli Rodrigues

**Comissão do Campeonato de dança Esporte em
cadeira de Rodas:**

Betina Ried
Eliana Lucia Ferreira
Rute Estanislava Tolocka
Sigrid Bitter

Comissão de secretaria:

Maria Auxiliadora Mariano
Simone Malfati Ganade Ide
Maria Cecília Ugate

**Apoio tecnológico-
Informatica/FEF/UNICAMP**

Diogo de Góes Zanetti
Edgar Rezende de Paula II
Luis Felipe Mendonç Figueira
Maria de Farima da Silva
Ricardo Seixas Barbosa Maia

EDITORES DO ANAIS

Eliana Lucia Ferreira
Rute Tolocka

Convidados Especiais:

PMP
Izalene Itiene

SNE
Lars Grael

CBCE
Lino Catelani Filho

SOBAMA
Pedro Américo

SBEAFQRPS
Antonia Dalla Pria Bankoff

CPB
Vital Severino

ABRADECAR
Ciraldo Reis

ANDE
Ivaldo Brandão

Prefácio

O IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DANÇA EM CADEIRA DE RODAS, ora se materializa, através do empenho da Universidade Federal de Juiz de Fora, Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas.

A escolha do tema “arte, educação e reabilitação”, delinea o tema do evento e também revela nossa preocupação com a materialidade desta modalidade. Através destas temáticas propomos no decorrer desta semana circular pelos espaços possíveis de serem materializados, indagando suas evidências e derivas.

A dança em cadeira de rodas tem características específicas que tornou-se marcante à necessidade de uma discussão teórica-prática que tem ocorrido no Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas, onde os pontos de convergência de estudos multidisciplinares lhe conferem uma importância científica e social crescente. A problemática de suas várias vertentes ultrapassa os respectivos limites de uma discussão somente acadêmica sendo necessário à demonstração de trabalhos práticos tanto como arte como esporte.

De fato a dança em cadeira de rodas não se justifica e si mesmo, mas sim em função das relações que tem com a Educação, a saúde física e comportamental e com o equilíbrio social que dela se resulta. Traremos para a discussão a forma de se estar nesses espaços conquistados pela dança e como estamos nos dizendo neles sinalizando como pretendemos administrá-la e transformá-la. Com estes propósitos estamos construindo novas passagens com novos pontos de ancoragem para esta área específica.

Portanto este evento tem se demonstrado ser de amplo interesse para as comunidades envolvidas, pois das experiências no campo científico e didático muito podemos colher e semear. Queremos fazer as cadeira de rodas girarem e, nesse giro,

encontrarmos modos de vida, formas de permitir que as pessoas com deficiência estejam efetivamente presentes na sociedade.

Além destes aspectos fundamentais, importante também se torna a convivência entre acadêmicos e a sociedade em geral, abrindo e humanizando novos horizontes e comportamentos que são fundamentais para romper as barreiras acadêmicas e sociais permitindo que estudantes, dançarinos e docentes possam debater as questões que norteiam esta área científica. É esta, a forma com mais potencialidades de cumprir os objetivos educacionais do ensino universitário: torna-se um espaço de debate de novos conceitos, abrindo ao pensamento elaborado fora dos respectivos limites.

Por isto a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora associou-se a Confederação Brasileira de Dança em cadeira de Rodas para a realização deste evento.

Os trabalhos aqui publicados serão apresentados e discutidos promovendo um confronto de diferentes perspectivas através das quais esse espaço conquistado pela dança em cadeira de rodas é compreendido e vivenciado. Cada pesquisa apresentada é parte do pensamento elaborado sobre a experiência de cada autor. São escritos que permitem críticas tornando-se fundamentais para novas pesquisas. Os trabalhos são de responsabilidade de seus autores, e esperamos que nos momentos de convivência, as trocas de sugestões possam se efetivar.

Da parte da comissão organizadora desejamos que todos sejam bem vindos, e que o espaço do evento propicie momentos de relações interpessoais de socialização do saber.

A todos, nossas saudações acadêmicas.

Eliana Lucia Ferreira
Presidente da comissão organizadora

Mapa Geral do Simpósio

Segunda – Feira – 25 de Novembro	
8.00	Entrega dos materiais-Secretaria do Evento
8.30 - 12.00	Curso 1- Ginásinho/ FEF
12.00-13.30	Almoço
13.30 – 16.30	Curso 2- Ginásinho/ FEF
17.00 – 19.00	Curso 3- Ginásinho/ FEF
20.00	Congresso técnico – I Campeonato de Dança Esporte em Cadeira de Rodas -Hotel FUNCAMP

Terça –Feira-26 de Novembro		
8.30 - 12.00	Curso1- Ginásio da FEF	
12.00-13.30	Almoço	
13.30 – 15.30	Curso 4-Ginásio da FEF	
16.00 – 18.00	Curso 5- Ginásio da FEF	Classificação funcional - Hípica
20.30 – 21.30	Campeonato de Dança Esporte - Hípica	

Quarta –Feira-27 de Novembro	
8.30 – 12.00	Curso 1- Ginásinho/ FEF
12.00-13.30	Almoço
13.30	Exposição de fotos – Hall do Centro de convenções – UNICAMP
14.00 –14.30	Cerimonia Oficial de Abertura- Centro de convenções – UNICAMP
14.30 – 16.00	Conferência de Abertura - Centro de convenções –

	UNICAMP
16.00- 16.15	Intervalo
16.15- 16.45	Comunicação – Sistema de Classificação Funcional na DECD
16.45- 18.00	Relatos de Experiências - Centro de convenções – UNICAMP
18.30 –	Lançamento de Livros - Centro de convenções – UNICAMP

Quinta –Feira-28 de Novembro	
8.30 - 11.00	Curso 1 - Ginásio/ FEF
11.00 - 12.00	Oficina de Psicodrama –Ginásio/FEF
12.00-13.30	Almoço
14.00 – 16.00	Mesa Redonda- Centro de convenções - UNICAMP
16.00- 16.45	Intervalo com Exposição de Painéis - Hall Centro de convenções - UNICAMP
16.45- 17.45	Exposição de Temas Livres – Centro de convenções - UNICAMP
20.00	Mostra de Dança - SESC

Endereço dos eventos

Centro De Convenções da UNICAMP -

Ginásio - FEF/UNICAMP -

SESC – R. Dom. José, 1270, Bonfim – Campinas - SP

Sociedade Hípica de Campinas: R:Buriti (s/n)/Jd. das

Palmeiras Campinas SP

PROGRAMAÇÃO

Segunda - Feira – 25 de Novembro

8.00 – Entrega de Material

8.30 - 12.00 - Curso 1 “ Modalidades do esporte dança em Cadeira de Rodas: Latin Dance; Standard ”

Herbet Rausch – Responsável pelo grupo de Dança da Universidade de Munique - Alemanha

13.30 – 16.30 – Curso 2 “ Desenho e Coreografia – Improvisação – Consciência Corporal”

Edson Claro (UFRN-CNPq)

17.00 – 19.00 – Curso 3 “Método Laban e dança para pessoa com deficiência ”

Analivia Cordeiro – Especialista no método Laban

Terça Feira-26 de Novembro

8.30 - 12.00h - Curso 1 “ Modalidades do Esporte Dança em Cadeira de Rodas: Latin Dance, Standard ”

Herbet Rausch – Responsável pelo grupo de Dança da Universidade de Munique – Alemanha

13.30 – 15.30 – Curso 4 “ Dança-Arte em Cadeira de Rodas ”

Rosangela Barnabé (USO-RJ) Responsável pelo Grupo Giro-RJ

16.00 – 18.00 - Curso 5 “ Dança Folclórica e Pessoa com Deficiência “

Evandro Passos – Pesquisador da ONU em danças folclóricas

16.00 - 18.00 – Classificação Funcional do I Campeonato Brasileiro do Esporte Dança em Cadeira de Rodas Miriam De Hass – Classificadora Internacional do Comitê Paraolímpico Internacional (*somente para atletas*)

20.30 – 21.30 – I Campeonato Brasileiro de Esporte Dança em Cadeira de Rodas
coordenadoras: Sigrid Bitter e Bettina Ried

Quarta-feira – 27 de Novembro

8.30 - 12.00 - Curso 1 “ Modalidades do Esporte Dança em Cadeira de Rodas: Latin Dance; Standard ”

Herbet Rausch – Responsável pelo grupo de Dança da Universidade de Munique – Alemanha

13.30 - Exposição de fotos

14.00 –14.30 – Cerimônia Oficial de Abertura

14.30 – 16.00 – Conferência de Abertura: “Falando de Inclusão em Tempos de Exclusão”

Júlio Romero Ferreira (UNIMEP)

Debatedora: Ana Isabel de Figueiredo Ferreira (IASP)

16.00- 16.15 – Intervalo

16.15- 16.45 – Comunicação: “ Sistema de Classificação no Esporte Dança em Cadeiras de Rodas ”

Miriam de Hass – Classificadora Internacional do Comitê Paraolímpico Internacional (*somente para atletas*)

16.45- 18.00 - Relatos de Experiência

Debatedor: Paulo Ferreira de Araújo (FEF/UNICAMP)

18.30 – Lançamento de Livros e Coquetel de Abertura

Quinta –feira – 28 de Novembro

8.30 - 11.00 - Curso 1 “ Modalidades do Esporte Dança em Cadeira de Rodas: Latin Dance; Standard ”

Herbet Rausch – Responsável pelo grupo de Dança da Universidade de Munique – Alemanha

11.00 - 12.00 - Oficina de Psicodrama – Maria Cecilia Ugate
- Sociodramatista (FEF/UNICAMP)

14.00 – 16.00 – Mesa Redonda: “Dança como Forma de Conhecimento”

Helena Katz (PUC/SP); Alberto Reinaldo Reppold Filho (UFRGS); Rosangela Morello (LABEURB/UNICAMP)
Debatedora: Elizabeth Paoliello (FEF/UNICAMP)

16.00- 16.45 – Intervalo com Exposição de Painéis
Coordenadora Roberta Gaio

16.45- 17.45 – Exposição de Temas Livres
Coordenadora: Maria Elisa Caputo (FAEFID/UFJF)

20.00 – II Mostra de Dança em Cadeira de Rodas
Coordenadora: Graciele Massoli Rodrigues (ESESF-JUNDIAÍ)

Sexta – 29 de Novembro

9.00 – 11.00 – Mesa Redonda “Dança como Forma de Comunicação”

Eni Orlandi (LABEURB/IEL/UNICAMP); Graziela Rodrigues (IA/UNICAMP); Lucia Matos (UFBA); Eliana Ferreira (UFJF).

Debatedora: Maria da Consolação G.C.F. Tavares – FEF/UNICAMP

11.00 – 12.30 – Reunião da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas

14.00 –15.30 – Mesa Redonda: “ As Interfaces do Movimento Corporal ”

Maria José Justino (UFPR); Alberto Cliquet Junior (FCM/UNICAMP); Renato Miranda (FAEFID/UFJF) - Rute Estanislava Tolocka (FIEL- SP)

Debatedora: Vera Aparecida Madruga Forti

15.45 – 17.15- Debate: “Programa e Visão da Mídia sobre Dança em Cadeira de Rodas”

Aureliano Biancarelli (Jornal Folha de São Paulo);
Eduardo Guimarães (Coordenador do COCEN);

Sandra Matsudo (Agita São Paulo/CELAFISCS); Maristela
Gonçaves (SNE)

Debatedora: Maria Beatriz Rocha Ferreira (FEF/UNICAMP e
CNPq/UNICENTRO)

17.15 – 17.30 – Cerimônia de encerramento

TEMAS LIVRES

Implantação de grupos de trabalho com Dança em Cadeira de Rodas

FREITAS, Alessandro; ZAMUNER, Kellen F.; FREITAS, Maria do Carmo R.; TOLOCKA, Rute E. NUPEM/ UNIMEP

O campo da dança é algo muito estudado nas perspectivas da educação, da integração e da socialização, no entanto, na maioria das vezes os estudos partem do pressuposto de um corpo sem deficiências físicas. Quando se fala da dança para pessoas com deficiência, quase não se encontram materiais produzidos no Brasil, mesmo que, segundo Krombholz (2001) a dança em cadeira de rodas tenha surgido no final dos anos 60 e hoje já é praticada em mais de 50 países, e que se iniciou no Brasil em 1989 Ferreira (2002).

Atualmente a Dança em Cadeira de Rodas (DCR) é desenvolvida como arte e esporte. Como arte os métodos mais utilizados são da dança moderna, contemporânea e folclórica e pode ser desenvolvida de várias formas, ou seja, pode se dançar apenas um dançarino dependente de cadeira de rodas, ou um casal de dançarinos, sendo ambos usuários de cadeira de rodas ou então um dependente de cadeira de rodas e um andante ou ainda um grupo de dançarinos, sendo que este grupo pode ser formado apenas por usuários de cadeira de rodas ou também por andantes. Quanto aos movimentos básicos da dança, eles podem ser realizados com a cadeira estática ou em movimento. (RIED et al, 2003)

A dança, segundo a ISOD (1992), contribui para melhorar a função cardiovascular, a capacidade física em geral, compensando a deficiência de movimentos; estimula a autoconfiança, auxilia na formação da autoconsciência, fortalecendo a imagem da personalidade; aperfeiçoa a capacidade de comunicação, cooperação e integração, propiciando alegria nos contatos, capacidade de trabalhar em grupo, criatividade; efeitos são observados também na postura, movimentação e coordenação, ao mesmo tempo que se aprende diversas formas de danças. Braga et al (2003) revelaram muitas melhoras em funções motoras e cerebelar. Sato e Tolocka (2002), também apontam benefícios sociais as pessoas praticantes de dança em cadeira de rodas, uma vez que essas pessoas passam a conviver com o mundo de uma forma diferente, em que o movimento torna-se o mediador de uma possibilidade de inclusão.

Embora não sejam ainda encontrados muitos estudos que comprovem estes benefícios, pode-se afirmar que ao não divulgar esta modalidade de certa forma se restringe as possibilidades de vivência de uma pessoa usuária de cadeira de rodas

Objetivos

Este estudo tem como objetivo criar subsídios para a discussão dos principais aspectos a serem considerados para se iniciar um trabalho com a DCR.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica (SEVERINO, 2002), em artigos ou livros sobre a DCR.

Resultados e discussão

Para o trabalho com o deficiente, é preciso refletir sobre questões de segurança. Para Orso et al. (2001), o termo LER (lesão por esforço repetitivo) vem sendo tratado para funcionários com longas jornadas de trabalho e que movimentam suas articulações para uma função específica e repetitiva.

Ao olhar para a DCR é preciso lembrar que os treinos exigem muitas repetições de um mesmo movimento, como por exemplo o manejo na cadeira de rodas, cujo movimento aparece em todas as coreografias, com todos os dançarinos e deve ser olhado de forma diferenciado para não prejudicar as articulações do dançarino.

Outro ponto a ser levado em consideração para a prática com o cadeirante, é o tempo que o mesmo passa sentado em sua cadeira que pode causar úlceras de pressão. Figueiredo et al (1996) falam que estas feridas, também conhecidas como escaras ou úlcera de decúbito, tem seu início em regiões com certa umidade, e que a manutenção higiênica e a estimulação de movimento das partes do corpo que estarão em contato com objetos por muito tempo é o melhor remédio para a prevenção.

A disreflexia autonômica pode ocorrer em qualquer pessoa com lesão medular acima de T6 produzindo hipertensão arterial e taquicardia seguida de bradicardia. Ou acima de T12 causando hipotensão arterial e bradicardia (SARAIVA et al., 1995). As causas mais comuns são: problemas urinários, especialmente bexiga cheia demais, infeccionada ou com pedras; dilatação do intestino causada por prisão de ventre; escaras ou áreas sob pressão exagerada, Para preveni-la deve-se pedir que o dançarino esvazie a bexiga e o

instestino antes de dançar, e se aparecerem sintomas (vermelhidão das faces, cefaleia, alteração de frequência cardíaca ou pressão arterial) deve-se levar o dançarino ao serviço de urgência e comunicar que pode se tratar de uma disreflexia autonômica (TOLOCKA, DE MARCO, 1994), pois os sintomas só desaparecem se a causa for retirada, do contrário existe risco de óbito (OKAMOTO, 1990)

Faz-se necessário o conhecimento do estado de saúde dos alunos. Tavares et al. (1997) propõem o uso de uma ficha de avaliação das condições iniciais, contendo contatos de emergência, convênio médico e descrição da condição. O Colégio Americano de Medicina do Esporte recomenda que seja feita uma estratificação de risco de cada aluno, considerando aspectos clínicos, antropométricos e história familiar (ACSM, 2000).

A avaliação dos movimentos dos dançarinos na DCR pode ser feita levando em consideração suas possibilidades motoras, tal como proposto no exame para classificação funcional, que se observa o manejo da cadeira de rodas, função de empurrar e puxar o parceiro, raio de movimento dos braços e estabilidade do tronco (RIED et al 2003).

Neste ponto encontra-se uma grande dificuldade na literatura, tanto nacional quanto internacional, pois os estudos sobre as habilidades motoras necessárias para a dança são escassos. A maioria dos estudos publicados sobre avaliação de movimentos em cadeira de rodas, referem-se a análises biomecânicas, que demandam aparelhagem especial e que ainda são realizadas em situações de laboratório, fazendo-se assim urgente que a academia se volte para esta questão.

Para se ensinar a dança em cadeira de rodas, segundo Kromholz (2001), devem ser trabalhados exercícios para ombros, braços, mãos, cabeça, enfim, toda a parte superior do tronco, dentro das possibilidades de cada dançarino, procurando explorar expressões faciais, gestos, posturas, sempre aplicados à música, a diversos ritmos, dançando sozinho e também interagindo com outros indivíduos, buscando estabelecer uma comunicação não-verbal entre os praticantes.

Para Ferreira (2002) ao se buscar uma metodologia para o ensino da dança é fundamental conhecer as possibilidades de deslocamento e de movimentos possíveis para os usuários de cadeira de rodas e passar a ver a cadeira de rodas como um instrumento que possibilita a pessoa com deficiência dançar. Ela apresenta seis fases para o ensino desta modalidade:

Comportamental: ocorrem os primeiros contatos, buscando a confiança e empatia entre os envolvidos na atividade – professor-alunos e alunos-alunos. Não se deve usar movimentos pré-determinados, mas sim deixar com que eles apareçam voluntariamente;

Integração Artística: nesta fase vale ressaltar a importância da dança no contexto histórico, bem como do ponto de vista coreográfico, onde a dança é utilizada como meio de expressão de sentimentos humanos. ;

Associação: aqui se inicia a associação do corpo com a cadeira de rodas, onde deve ser trabalhado o domínio sobre a cadeira de rodas. Nesta fase, ao tentar movimentos mais arrojados, podem ocorrer “quedas” nas quais o professor não deve interferir, fazendo com que o aluno adquira confiança em si próprio;

Elementar: aqui, o professor já conhece as possibilidades dos alunos e estes já estão confiantes em seus movimentos básicos. É o momento em que são introduzidos os elementos fundamentais da dança moderna;

Instrumentalização: tendo os alunos consciência corporal, é possível introduzir a técnica da dança moderna, mas apenas como referencial, deixando aflorar a criatividade de cada um;

Coreográfica: a partir dos resultados obtidos nas fases anteriores, é possível direcioná-los para uma coreografia. Nesta fase, todo trabalho realizado é refletido através dos movimentos surgidos no processo de desenvolvimento da dança. Importante dizer que a dança não se baseia somente nos movimentos, mas nos sentimentos e emoções vindas de cada um.

Baseada no método Laban, Ferreira (2002 p.103) propõe as seguintes questões sobre o movimento na dança: “o que se move – o corpo – fator peso; como se move – a qualidade do movimento; onde se move – o espaço e com quem se move – o relacionamento”.

Cordeiro et al (1989) mostrou que o método Laban descreve e compreende os movimentos do homem através de quatro fatores: força, tempo, espaço e fluência e diz que todo movimento corporal produzido exprime sentimentos próprios de quem o realiza, sendo possível compreender não somente a dança, mas também as ações realizadas no cotidiano. Estas autoras mostram que neste método não se estuda apenas o movimento, mas sim o indivíduo que o realiza, uma vez em que ele se significa a partir dos gestos que realiza com o corpo, do espaço pelo qual se move, da interação com os demais indivíduos. Os movimentos são compreendidos através de

quatro fatores: força, tempo, espaço e fluência, relacionando as ações corporais com os processos mentais e emocionais.

Dessa forma, os movimentos realizados por um indivíduo é sua linguagem não verbal, ou seja, o corpo em movimento se expressa e é o elemento que produz o prazer pessoal. É através da dança, que o sujeito se significa.

Outro aspecto a ser considerado, são as emoções que podem estar presentes em diferentes contextos e movimentos realizados durante as competições. Freitas (2005) verificou que expressões de alegria e de medo podem ocorrer em movimentos como: girar de mãos dadas com o parceiro, inclinação da cadeira de mãos dadas com o parceiro, em poses estáticas sentado sobre o parceiro, com ou sem inclinação de tronco ou apenas aparado ao lado do parceiro. Tais movimentos são de grande complexidade e implicam em aquisição de técnicas de manejo da cadeira de rodas e do corpo. Assim, dançarinos mais tecnicamente preparados para executa-los não teriam medo de ocorrências desagradáveis tais como quedas, ao passo que outros, com menor preparo poderiam evidenciar medo ou ansiedade. Outra explicação poderia ser o grau de confiança entre os parceiros, permitindo mostrar movimentos semelhantes nas emoções diferenciadas.

Lent (2001) explica que as emoções negativas são mais conhecidas do que as positivas; o medo se caracteriza como uma experiência subjetiva que surge quando algo pode ameaçar e provocar comportamento de fuga ou luta ativando o sistema nervoso autônomo. Dessa forma nas emoções de medo identificadas para ambos os dançarinos pode-se dizer que o fato de executar movimentos mais elaborados gera uma sensação de ameaça, ou seja, um desafio maior que aumenta a tensão ativando o sistema nervoso autônomo.

Nota-se que é necessário uma boa harmonia entre o casal e também que ambos estejam treinados tecnicamente para seguir o ritmo determinado. Considerando-se que estes são alguns dos requisitos analisados pelos árbitros na competição, o medo/ansiedade demonstrado pode estar ligado a exposição à arbitragem, pois como Ried et al (2003) explicam os critérios de avaliação incluem o ritmo; a postura e linha de equilíbrio, o equilíbrio estático e dinâmico de ambos os parceiros em conjunto ou individualmente e a harmonia da movimentação. Além disto o julgamento da emoção na dança se faz presente também, pois “o prazer de dançar deve ser expresso

claramente, transmitindo-se aos expectadores em cada momento da presença do casal na pista”. (RIED et al, 2003 p.37).

Considerações finais

Para se iniciar um trabalho com DCR é necessário alguns cuidados com a segurança dos praticantes bem como algumas medidas de prevenção. Além disto é importante ter uma idéia de como trabalhar com eles, isto é, alguma proposta metodologica e avaliação das possibilidades motoras, já que não se trata apenas de adaptar movimentos a condição de deficiência física, e sim de criar novas possibilidades que possam mostrar potencialidades dos dançarinos. É necessário ainda tomar alguns cuidados com as emoções a que estão sujeitos os alunos.

Referências Bibliográficas

- ACSM - AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. **Manual do ACSM para Teste de Esforço e Prescrição de Exercício**. Ed. RevinteR , 5^a ed., 2000.
- BRAGA, D, et al. Dança como recurso artístico: atuando na reabilitação de pacientes com seqüela de acidente vascular cerebral. in **Anais do III Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**. Mogi das Cruzes: CBDCCR, 2003.
- CORDEIRO, A., HOMBURGER, C. e CAVALCANTI, C. **Método Laban**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- FERREIRA, E.L. *Corpo-movimento-deficiência: as formas do discurso da/na dança em cadeiras de rodas e seus processos de significação*. 2003. 243f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- _____. Dança em Cadeira de Rodas: Uma proposta de desenvolvimento de dança para pessoas portadoras de deficiência física. In: FERREIRA, E.L., TOLOCKA, R. E. (org.) **Anais do I Simpósio Internacional Dança em Cadeira de Rodas**, 1^o, 2001, Campinas.
- FIGUEIREDO, N.M.A. de; MACHADO, W.C.A.; PORTO, I.S. **O toque no corpo e a prevenção de escaras**. R. Enferm. UERJ. Rio de Janeiro, p. 71-80, 1996. Edição Extra.
- FREITAS, M.C.R. As Emoções da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. Dissertação de Mestrado. FACIS/UNIMEP. Piracicaba, 2005.

KROMBHOLZ, G. Wheelchair Dance – Wheelchair Dance Sport. In: FERREIRA, E.L., TOLOCKA, R. E. (org.) **Anais do I Simpósio Internacional Dança em Cadeira de Rodas**, 1º, 2001, Campinas. ISOD. **International Sports Organization for the Disabled**. Munique: IPC-WDSC, 1991.

LENT, R. **Cem Bilhões de Neurônios**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001

OKAMOTO, G.A. **Medicina Física e reabilitação**. São Paulo: Manole, 1990.

ORSO, J.P. et al. **Rev. Online Biblioteca Prof. Joel Martins, Reflexões acerca das lesões por esforços repetitivos e a organização do trabalho**, v.2, n.2, 47-58, 2001. disponível no site www.bibli.fae.unicamp.br/revbfe/v2n1fev2001/art06.pdf

RIED, et al. **Subsídios para competições oficiais de dança esportiva em cadeira de rodas**. Campinas: CBDCR, 2003.

Saraiva, R. A. et al. As Bases Fisiopatológicas Para A Anestesia No Paciente Com Lesão Medular. **Rev Bras Anesthesiol**. v. 45, n.6, p. 387-439, 1995. Disponível no site http://www.clasa-anestesia.org/revistas/brasil/HTML/BraAs_Bases_Fisiopatologicas_Para_A_.htm, Acessado em 14/10/2005.

SATO, C; TOLOCKA, R.E. Dança em Cadeira de Rodas: Uma possibilidade de inclusão? in **Anais do II Simpósio Internacional de Dança em Cadeira de Rodas**.Campinas: UNICAMP-CBDCR, 2002

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

TAVARES et al. Uma proposta de avaliação inicial para a inclusão de pessoas portadoras de deficiência em programa de atividade física adaptada. **Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada**. v.02, n.02, p.05 - 09, 1997.

TOLOCKA, R. E. Dançar em cadeira de rodas: muito mais que “dançar com o que sobrou” In: FERREIRA, E. L. (Org.). **Interfaces da dança para pessoas com deficiência**. Campinas: CBDCR, 2000.

_____, DE MARCO. Atividades Físicas para Pessoas Portadoras de Lesão Medular: Um alerta para a Disreflexia Autônoma. **Revista Ciência e Tecnologia**, v.4/2, n.08, p.10 - 15, 1995.